

## Ecoss da *Giovinezza*: leituras integralistas da “primavera fascista”<sup>1</sup>

### Echoes of the *Giovinezza*: integralist readings of the “fascist spring”

**Marcelo Alves de Paula Lima**

Bacharel e licenciado em história

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: [marceloapl@yahoo.com.br](mailto:marceloapl@yahoo.com.br)

**RESUMO:** O objetivo deste estudo foi entender de que maneira Gustavo Barroso, importante intelectual da *Ação Integralista Brasileira*, abordou a ascensão do fascismo no mundo em suas obras integralistas. À luz do dilema “solidariedade X competição” (tão marcante nas relações entre países fascistas), analisamos a proposta do autor de uma grande solidariedade fascista internacional. Tomando o liberalismo e o comunismo como ameaças à integridade das nações, Barroso conclamou nacionalistas de todos os países a se unirem contra esses inimigos em comum. Assim, o autor tentou forjar uma identidade para os movimentos nacionalistas que emergiam no mundo entre guerras, além de conclamar à solidariedade entre eles.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fascismo, Integralismo, Gustavo Barroso.

**ABSTRACT:** The aim of this research was to understand how Gustavo Barroso, a distinguished intellectual from the *Brazilian Integralist Action*, approached the rise of fascism in the world in his integralist writings. Concerning the “solidarity X competition” dilemma (so common in the relations between fascist countries), we analyzed the author’s project for a great international fascist solidarity. Considering liberalism and communism threats to the integrity of nations, Barroso called nationalists from all over the world to unite themselves against these common enemies. Thus, the author tried to create an identity for all the nationalist movements rising in the interwar period, besides calling for a solidarity between them.

**KEYWORDS:** Fascism, Integralism, Gustavo Barroso.

#### Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar o pensamento integralista de Gustavo Barroso (1888-1959), intelectual cearense que era uma das figuras de proa da *Ação Integralista Brasileira* (AIB). Nossa análise recairá sobre os comentários do autor acerca dos movimentos e regimes fascistas que emergiam no mundo entre guerras, bem como sobre seu chamado por uma união entre esses fascistas e as limitações desse discurso. Usaremos, como fontes, algumas importantes obras do autor escritas entre 1933 – ano em que ele se filia à AIB – e 1937 – ano em que a AIB é dissolvida após o Estado Novo.

---

<sup>1</sup> Este artigo é a versão condensada de uma monografia de mesmo título, defendida em julho de 2013. Link para o texto completo: [https://www.academia.edu/5855485/Ecoss\\_da\\_Giovinezza\\_leituras\\_integralistas\\_da\\_primavera\\_fascista](https://www.academia.edu/5855485/Ecoss_da_Giovinezza_leituras_integralistas_da_primavera_fascista)

Nem todas as manifestações que Gustavo Barroso considera fascistas merecem essa denominação se levarmos em conta a tipologia mais aceita nos dias de hoje. Definir, entre os muitos regimes e movimentos citados por Gustavo Barroso, quais eram fascistas e quais não o eram, de acordo com a tipologia atual, extrapolaria os objetivos desse trabalho. Para citar palavras do próprio autor: “Empregamos as palavras *fascismo*, *fascista* em sentido geral, para designar os movimentos de caráter nacionalista e corporativista do mundo”.<sup>2</sup> Barroso tinha dificuldades em encontrar um termo que generalizasse as experiências que ele queria descrever. Assim, ao longo de seus escritos ele fala de fascismos e fascistas “por falta de expressão mais apropriada para a sua generalidade”.<sup>3</sup>

Em artigo publicado em 2000, João Fábio Bertonha pondera até que ponto seria viável, nos anos 1920 e 1930, uma grande aliança entre os regimes fascistas no mundo. Por um lado, esses regimes tinham em comum o nacionalismo; por outro, era justamente esse elemento em comum o mais sério entrave a quaisquer pretensões de solidariedade. Assim, na Itália dos anos 1920 prevaleceu a noção de que o fascismo deveria zelar unicamente pelos interesses italianos na política externa, de modo que eventuais apoios a outros movimentos no mundo teriam como objetivo apenas assegurar esses interesses italianos. Contudo, com a crise de 1929 teriam crescido as simpatias pelo fascismo ao redor do mundo, já que várias pessoas passaram a vislumbrar, no fascismo, uma alternativa à decadência do capitalismo e da democracia burguesa (alternativa essa tanto mais atraente quanto mais o comunismo se fortalecia). Com isso, os fascistas italianos começaram a se ver como portadores de ideias que constituiriam as novas tendências do futuro, acreditando que coubesse à Itália o papel de liderança nesse processo<sup>4</sup>.

No entanto, as pretensões italianas não tiveram êxito. O *Comitati d'azione per l'universalità di Roma* (CAUR), órgão criado em 1933 para congregar os vários regimes fascistas, acabou fracassando. Isso se deu porque os movimentos em outros países ainda eram fracos, porque muitos recusaram a tutela de Roma, por causa da própria incompetência de seus organizadores e, principalmente, porque a Alemanha nazista não aderiu a ele<sup>5</sup>. As pretensões imperialistas alemãs (mais ameaçadoras que as italianas), sua falta de interesse em exportar o nacional-socialismo e o

---

<sup>2</sup> BARROSO, Gustavo. *O quarto império*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1935, p. 163 (nota de rodapé).

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_. *O integralismo e o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, p. 15.

<sup>4</sup> BERTONHA, João Fábio. A questão da “Internacional Fascista” no mundo das relações internacionais (a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista). In: *Revista brasileira de política internacional*, v. 43, n. 1, 99-118, 2000. p. 104-5.

<sup>5</sup> \_\_\_\_\_. *A questão da “Internacional Fascista”*, p. 105-6.

acentuado apelo racial deste último dificultavam bastante sua aceitação fora da Alemanha (exceto pelos alemães residentes em outros países):<sup>6</sup>

Visto ser uma manifestação tipicamente alemã de antidemocracia na Europa, o Nacional-socialismo conseguiu harmonizar-se com a situação alemã, tornando-se um fenômeno mais difícil de ser exportado do que o fascismo. É este mais um exemplo das limitações que se encontram nas ideias de um fascismo universal. Os fundamentos nacionalistas implicam a existência de profundas diferenças entre um e outro país (...).<sup>7</sup>

Apesar do fracasso do CAUR, o entusiasmo pelo fascismo não se restringiu à Itália, espalhando-se para outros países e atravessando o Atlântico. Diante do colapso do capitalismo liberal e do temor que o comunismo soviético despertava, muitos países latino-americanos buscaram inspiração no sucesso dos regimes nacionalistas europeus:

A América Latina da década de 1930 não se inclinava a olhar para o Norte. Mas, visto do outro lado do Atlântico, o fascismo sem dúvida parecia a história de sucesso da década. Se havia um modelo no mundo a ser imitado por políticos promissores de um continente que sempre recebera inspiração das regiões culturalmente hegemônicas, esses líderes potenciais de países sempre à espreita da receita para tornar-se modernos, ricos e grandes, esse modelo certamente podia ser encontrado em Berlim e Roma, uma vez que Londres e Paris não mais ofereciam muita inspiração política, e Washington estava fora de ação.<sup>8</sup>

Nesse contexto, o Brasil não foi exceção. Em abril de 1932, seis meses antes de fundar a AIB, Plínio Salgado mostrava em Roma que os ecos da *Giovinezza* (hino cantado pelos camisas-negras na Marcha Sobre Roma) haveriam de repercutir também sobre o Brasil. Em seu discurso, a Itália fascista aparece como porto seguro em um mundo cheio de incertezas, marcado pelos horrores do comunismo e do capitalismo:

Do alto de uma de tuas colinas, meditei sobre tua grandeza, Roma, Cidade Eterna. Como me parecias maior do que as Metrôpoles de arranha-céus. Não eras uma ameaça, para nós, povos, crianças, como essas Babilônias do Imperialismo econômico. Não eras, para o meu espírito de sul-americano, nem o orgulho de Nova York, nem o veneno de Moscou. O orgulho do poderoso, que nos incita a revolta; o veneno do oprimido, que nos inspira a repulsa. Eras o exemplo da renovação, a força da eterna mocidade.<sup>9</sup>

Ao referir-se aos sul-americanos como “crianças”, Plínio Salgado nos mostra que ele via em Roma uma figura maternal – a única esperança de livrar esses povos frágeis e indefesos da ameaça das “Babilônias do Imperialismo econômico”. Esse anseio por segurança, nascido do

<sup>6</sup> BERTONHA. *A questão da “Internacional Fascista”*, p. 106.

<sup>7</sup> BRACHER, Karl Dietrich. Nacional-socialismo (verbetes). In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de política*. Brasília: UnB, 1986, p. 809.

<sup>8</sup> HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos*. 2ª edição. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. Das Letras, 2009, p. 137.

<sup>9</sup> SALGADO, Plínio. O modelo italiano: discurso de Plínio Salgado (25/04/1932). In: CARONE, Edgard. *A segunda república (1930-1937)*. 3ª edição. Rio de Janeiro: DIFEL (Corpo e alma do Brasil), 1978, p. 305.

contraste entre Roma e Nova York/Moscou, expressa a busca que o integralismo empreendia não só por uma terceira via, mas também por uma pré-modernidade perdida, livre do cosmopolitismo e dos excessos da urbanização e da industrialização, que traziam no seu bojo a luta de classes e o comunismo. Prosseguindo com o mesmo discurso:

Nós, jovens povos da América do Sul, compreendemos a tua lição, Roma do Presente e do Futuro. Roma, que cantas hoje, sobre a ruína das civilizações extintas, o cântico dos balilas, primavera de beleza. Nós, primavera de Povos, que ainda muito temos a lutar, a conquistar, a realizar, compreendemos a tua lição, Mãe da latinidade, inspiradora da juventude, criadora de civilizações.<sup>10</sup>

Aqui, faz-se uma analogia entre a “primavera de beleza” – refrão da *Giovinezza* – e a “primavera dos Povos”, nome pelo qual a onda de revoluções de 1848 ficou conhecida. Para Plínio, a ascensão do fascismo representaria uma esperança para todos os povos. A figura maternal de Roma, que é apenas sugerida no primeiro trecho, fica aqui evidente na expressão “Mãe da latinidade”. Mais do que salvar os frágeis povos sul-americanos da opressão comunista e capitalista, a Itália era a própria mãe desses povos, pois dela jorrava a sua cultura.

Outro integralista, o mineiro Olbiano de Melo, acreditava na adequação do fascismo à realidade brasileira, bem como em seu caráter universal:

Eu, no sertão mineiro, fixava-me no fascismo, convencendo-me que a implantação do sistema no Brasil resolveria a questão social entre nós (...). Roma com o Fascio limitou-se até há pouco – a se defender da invasão dissolvente de outras doutrinas (...). *Mas a ideia boa não tem pátria; o espírito é universal, bem como o disse o criador do fascismo (...). Daí a universalidade, hoje, dos princípios fascistas.*<sup>11</sup>

### O “espírito do século XX”

As relações entre integralismo e modernidade são marcadas pela ambivalência. Natália dos Reis Cruz escreve que o integralismo foi um movimento gestado pela modernidade que reagia a certas consequências “da própria modernidade, defendendo propostas de organização social que visem estancar o processo moderno de fragmentação, insegurança e instabilidade”. Para tanto, o integralismo critica a razão, o materialismo, o individualismo burguês, o cosmopolitismo e tantas outras heranças da modernidade, mas sempre com o objetivo de “dar vazão a uma proposta de sociedade em que a própria utopia moderna de ordem e controle seja recuperada, tornando-se realidade”.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> SALGADO. *O modelo italiano*, p. 305-306.

<sup>11</sup> MELO, Olbiano de, citado por TRINDADE, Héglio. *Integralismo* (o fascismo brasileiro na década de 30). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974, p. 120 (grifo nosso).

<sup>12</sup> CRUZ, Natália dos Reis. O diálogo entre o moderno e o antimoderno no discurso da Ação Integralista Brasileira. In: *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 37, n. 2, p. 196-214, jul./dez. 2011. p. 197-198.

As observações de Natália dos Reis Cruz sobre o integralismo foram fundamentais no sentido de relativizar a visão consagrada por Chasin. Ao definir o integralismo como uma “forma de regressividade”, pensamos que o filósofo ignora a multiplicidade de sentidos que o discurso integralista assumia. É possível achar argumentos para identificar o integralismo como uma doutrina reacionária que queria converter o país “numa pletera de pequenas propriedades, quase que exclusivamente rurais” ou ainda “estancar a acumulação capitalista”.<sup>13</sup> Entretanto, esse caráter regressivo do integralismo, que pode ser marcante nos escritos de Plínio Salgado, não se faz presente com tanta intensidade nos escritos de Gustavo Barroso. Por isso, concordamos que o integralismo, não desejava “lutar contra o processo de industrialização, mas produzir um arranjo institucional por meio de um projeto de nação que englobasse os interesses industriais e médios e controlasse o movimento popular”.<sup>14</sup>

Gustavo Barroso associa o integralismo ao moderno, e o liberalismo e o marxismo ao defasado. Diz o autor que o século XX é “o século do zepelim, do rádio, da eletricidade que despe a rabona caspenta do marxismo de 1848 e rasga os falsos punhos de renda do liberalismo de 1789”.<sup>15</sup> Dessa forma, somente os movimentos nacionalistas seriam compatíveis com o “espírito do século XX”, um século enérgico e dinâmico. Associando o liberalismo e o comunismo a termos que denotam atraso e imprimindo ao integralismo (e aos movimentos que lhe eram irmanados) a capacidade de expressar as tendências do novo século, o autor escreve:

A mocidade contemporânea do avião não se pode mais enquadrar nos carcomidos partidos do liberalismo, que data das anquinhas, ou formar nas fileiras comunistas, que veem da época das sobrecasacas e dos lenços de rapé. Seus imperativos categóricos a levam às milícias fascistas, nazistas, integralistas para o revigoramento das pátrias alquebradas. Os cérebros moços recusam-se a aceitar teorias de há um século. E quando alguns fósseis liberais gabam as excelências da falecida constituição de 1891 não avaliam como a rapaziada acha graça...<sup>16</sup>

O século XX seria também o século do revigoramento dos nacionalismos. O autor denuncia um suposto internacionalismo judaico e maçônico que os séculos XVIII e XIX teriam propagado por meio dos ensinamentos liberais e marxistas. O século XX, porém, viria a reerguer a pátria diante de conceitos abstratos e universais como o de “direitos do homem”:

Este século não é mais o século dos Direitos do Homem, porém o século dos Deveres do Homem, que o ouro do pan-judaísmo materialista universal tem feito esquecer (...). Por essa razão, todas as nações procuram mergulhar no

<sup>13</sup> CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. 2ª edição. Belo Horizonte: Una Editoria; São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999, p. 555.

<sup>14</sup> CRUZ, Natália dos Reis. *O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio*. Tese (doutorado em história) - UFF, Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, 2004, p. 32.

<sup>15</sup> BARROSO, Gustavo. *O integralismo de norte a sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934, p. 50, 51.

<sup>16</sup> \_\_\_\_\_. *O integralismo de norte a sul*, p. 39.

passado em busca do espírito histórico, racial ou nacional, que encarnam e que ficou latente, guardado no fundo dos séculos (...). O Japão dos samurais, a Romênia da Guarda de Ferro, a Polônia de Pilsudski, a Hungria ensanguentada por Bela-Kun, a Áustria de Dolfuss, a Inglaterra de Mosley, os Estados Unidos dos *Silver Shirts*, a Espanha, Portugal, a Suécia, a Holanda, a Finlândia, a Suíça, a Estônia, o Chile, o Peru, o México, todos nos oferecem exemplos concretos na esteira dos grandes movimentos vitoriosos de Hitler e de Mussolini. A própria França liberalíssima veste a camisa dos *francistas* e sente necessidade (...) de ir além da latinidade e de chegar ao celtismo (...).<sup>17</sup>

Assim, o integralismo não estaria sozinho ao “mergulhar no passado em busca do espírito histórico racial ou nacional” que guiaria suas ações no presente e no futuro. Se os fascistas romenos tinham sua Guarda de Ferro, os japoneses eram inspirados pelos samurais e das raízes celtas jorrava a inspiração dos fascistas franceses, os “mitos ancestrais” mobilizados pelos integralistas brasileiros eram os jesuítas, os indígenas, os escravos e os bandeirantes.

Quando aderiu à AIB, em 1933, Barroso já havia trilhado uma longa carreira política e intelectual, como o demonstram sua participação na comitiva brasileira em Versalhes, seu papel na fundação do *Museu Histórico Nacional* (MHN) e os vários livros e artigos que publicara até então – alguns deles sob o pseudônimo de “João do Norte”. Sua produção bibliográfica versava sobre temas como folclore, cultura, tradições regionais e história do Brasil. É notável, em sua produção historiográfica, um grande entusiasmo por temas militares. Os triunfos do Brasil Imperial na Bacia do Prata são frequentemente exaltados. Líderes como Tamandaré, Caxias e Osório desfilam pelas páginas do autor cearense pintando o quadro de um passado nacional cheio de glórias e conquistas. A proposta do MHN estava em plena sintonia com esse panegírico das conquistas militares do Brasil monárquico, de modo que “A convergência entre o Museu Histórico Nacional e a Ação Integralista não se baseia apenas [na] participação direta de Barroso nas duas instituições”, sendo “importante perceber [que] elas partem de um mesmo projeto nacionalista”.<sup>18</sup> O projeto integralista defendido por Barroso, portanto, era indissociável de seu panegírico das glórias do Brasil imperial. Ainda que o autor não propusesse a restauração da monarquia, ao exaltar os feitos militares daquele período ele tenta resgatar valores que lhe-eram caros, mas que haviam se perdido com o advento da república.

Barroso sempre demonstrou, desde jovem, profunda admiração pela história militar e por temas relacionados, como a hierarquia, a disciplina e os uniformes do exército. Seu sonho era ser

<sup>17</sup> BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, p. 116.

<sup>18</sup> SILVA, Arthur da. Gustavo Barroso: aproximações conceituais da AIB e o MHN (1933-1937). In: XXIX SEMANA DE HISTÓRIA DA UFJF – Monarquias, repúblicas e ditaduras: entre liberdades e igualdades, 2012, Juiz de Fora. *Anais...* p. 11.

militar, embora, com o tempo, tenha reconhecido sua inaptidão para as armas<sup>19</sup>. Tanto que “O gosto pelas fardas e condecorações vinha-lhe do tempo da mais tenra infância (a mãe alemã gostava de lhe tirar fotografias mascarado de soldadinho) e não o perdeu na idade adulta”.<sup>20</sup> Diante da impossibilidade de ser militar, o autor encontrou, na produção intelectual, outra forma de servir seu país de forma combativa e apaixonada.

Internamente, portanto, a AIB legitimou o projeto nacionalista de Barroso que havia culminado com o MHN. Externamente, a ascensão de movimentos nacionalistas foi instrumentalizada pelo integralista no sentido de se achar um respaldo internacional para tal projeto, ressaltando assim que a revalorização do nacionalismo não era um fenômeno brasileiro isolado, mas sim uma tendência universal. Esse cenário gerou um terreno bastante propício para a circulação das obras de Barroso, a ponto de o jornal integralista *A Ofensiva* de 3 de janeiro de 1935 noticiar, acerca da obra *Brasil, colônia de banqueiros*:

No último boletim de ordens da nossa Escola Militar do Realengo, de 24 de dezembro de 1934, seu ilustre comandante, o general Meira de Vasconcellos, fez inserir o seguinte item, honrosíssimo para o nosso companheiro Gustavo Barroso, a propósito de seu último livro “Brasil – colônia de banqueiros”: “Sejam incluídos na carga geral da Escola e distribuídos à Biblioteca Escolar e à Biblioteca dos Cadetes três (3) exemplares, respectivamente, do livro ‘Brasil – colônia de banqueiros’, que significa um protesto e um grito de alerta à pátria escravizada economicamente, para que os jovens cadetes conheçam a verdade sobre a nossa situação econômica”.<sup>21</sup>

Tal como os fascismos em geral, o integralismo não inventava seus mitos, preferindo escolher e ressignificar, entre os mitos nacionais existentes, aqueles que atendiam às suas propostas de mobilizar as massas, unificar, purificar e lutar contra as forças desagregadoras<sup>22</sup>. É com essa finalidade que o integralismo invocava: o índio, que transcende os regionalismos; o curupira, figura não corrompida pelos males do cosmopolitismo do litoral; os bandeirantes, rendendo-lhes tributos por sua iniciativa de penetrar o Brasil sertão adentro; e os jesuítas, por difundirem o catolicismo, elemento que conduz à harmonia social. Os próprios camisas-verdes seriam, para o autor, novos bandeirantes: “O espírito bandeirante guardado no fundo dos sertões

<sup>19</sup> CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Gustavo Barroso, enfim, soldado da farda verde. In: X ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH – RJ): História e biografias, 2002, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, UERJ, 2002.

<sup>20</sup> CANAVEIRA, Manuel Filipe. Portugal semente de impérios no pensamento integralista de Gustavo Barroso. In: *Estudos filosóficos*, DFIME, UFSJ, n. 3, 2009, p. 178.

<sup>21</sup> *A Ofensiva* (3 de janeiro de 1935) citado por BARROSO, Gustavo. *O que o integralista deve saber*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935, verso do livro.

<sup>22</sup> PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 76.

acorda e reconquista o que deixou para trás nas mãos inféis do cosmopolitismo do litoral. Nós, Integralistas, somos os Anhangueras redivivos que retornam da Grande Peregrinação!”<sup>23</sup>

É igualmente notável, no pensamento de Gustavo Barroso, assim como no integralismo em geral, a desconstrução do antagonismo entre capitalismo e comunismo. Influenciado pelos *Protocolos dos sábios de Sião*, documento forjado na Rússia do início do século XX, Barroso sustenta que haveria uma conspiração judaica para conquistar o mundo. Atribui-se ao judeu a criação do iluminismo, do individualismo, da maçonaria, do capitalismo, do comunismo e do materialismo<sup>24</sup> - todas essas forças acusadas de ameaçarem as nações em prol do domínio judaico universal. Assim, o judeu é o eixo da desconstrução do antagonismo “capitalismo X comunismo”, estigmatizado em duas importantes figuras – Rotschild e Trotsky:

Durará isso para sempre? Será esse o nosso trágico destino? Seremos servos humildes do judaísmo capitalista de Rotschild ou escravos submissos do judaísmo comunista de Trotsky, pontos extremos da oscilação do pêndulo judaico no mundo? Ou encontraremos no fundo da alma nacional aquele espírito imortal de catequizadores, descobridores, bandeirantes e guerreiros, único que nos poderá livrar de ambos os apocalipses? Desperta Brasil, “adormecido eternamente em berço esplêndido”, desperta e caminha!<sup>25</sup>

### A “primavera fascista” de Gustavo Barroso

Rechaçando o liberalismo e o marxismo como forças cosmopolitas e hostis às pátrias, Gustavo Barroso se empenha em achar na história um evento fundador para a “primavera fascista” que reergueria as nações, encontrando-o na Marcha Sobre Roma. Nas palavras dele: “Só a mocidade, que é o futuro, lhe resta [ao Brasil] como tábua de salvação, somente ela é capaz de renová-lo, como, ao som da *Giovinezza*, reformou a Itália, concertou Portugal e redimiu a Alemanha”.<sup>26</sup> Da mesma maneira que a Marselhesa e a Internacional Comunista, a *Giovinezza* haveria de ecoar pelo mundo. Se os liberais eram filhos de 1789 e os comunistas filhos de 1848, os fascistas seriam filhos de 1922 – os legítimos filhos do século XX:

Respondendo ao grito de Marx, no meado do século XIX, – “Proletários de todos os países, uni-vos!” ouve-se no século XX outro grito: – “Nacionalistas de todos os países, uni-vos!” Uni-vos na convicção de que o nacionalismo deste século (...) renovará a alma das velhas sociedades e trará ao universo a ideia duma ordem pacífica internacional.<sup>27</sup>

Um ano antes, o autor faria uma exortação similar:

<sup>23</sup> BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento integralista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935, p. 15.

<sup>24</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky* (o pensamento antisemita de Gustavo Barroso). Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 65, 66.

<sup>25</sup> BARROSO. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 85.

<sup>26</sup> \_\_\_\_\_. *O integralismo em marcha*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933, p. 9.

<sup>27</sup> \_\_\_\_\_. *O quarto império*, p. 169.



Entretanto, o grito – “proletários do mundo inteiro, uni-vos!” passado quase um século, ainda não conseguiu acabar com as pátrias e hoje outro lhe responde, universalizando, não uma classe, mas uma doutrina, dentro da qual é sagrado tudo quanto o marxismo destrói: - “intelectuais do mundo inteiro, uni-vos”!...<sup>28</sup>

O integralismo valorizava mais a nação do que a classe, de modo que o autor vê o sujeito revolucionário não em uma classe, mas nos nacionalistas de todo o mundo conduzidos por suas respectivas *intelligentsias*. Nas passagens acima, fica evidente que o clamor por uma “internacional fascista” tinha adeptos, a despeito de toda a problemática envolvendo tal ideia.

Para Barroso, “não é só o Brasil a vítima do Super Eldorado Capitalista sem entranhas, mas o mundo inteiro. Daí a sua aflição, a sua inquietação, a sua angústia, o seu desespero”.<sup>29</sup> Por isso o entusiasmo do autor com os demais movimentos e regimes ao redor do mundo que, segundo ele, combatiam a opressão capitalista e fariam parte da “primavera fascista”, cujo marco fundador seria a Marcha Sobre Roma. Contrapondo-se ao materialismo liberal e marxista, nosso autor afirma que “A marcha sobre Roma há de estrondar eternamente nos séculos como o caminhar das forças do Espírito contra as muralhas da Matéria (...) Mussolini foi a Joana d’Arco desse momento histórico”.<sup>30</sup>

Um dos grandes trunfos do fascismo seria sua capacidade de ascender ao poder sem recorrer à violência. Diferente da Revolução Francesa e da Revolução Russa, a ascensão do fascismo e do nazismo ao poder teria se dado de forma pacífica:

Atentai, depois, na grande revolução fascista e na grande revolução hitlerista, que mudaram completamente os destinos da Itália e da Alemanha, que alastrarão o mapa das nações e modificarão a face político-social do planeta; atentai e vereis que nem em Roma, nem em Berlim ninguém foi fuzilado, metralhado, afogado ou executado de qualquer outra forma por ordem dos vencedores. Excetuando alguns tiroteios e lutas de rua em que tombaram algumas dezenas de vítimas de lado a lado, friamente, conscientemente, nenhuma gota de sangue se derramou.<sup>31</sup>

Esse fragmento torna-se ainda mais esclarecedor se atentarmos para “o conhecimento das condições sociais de produção da competência social” de seu produtor.<sup>32</sup> Como bem aponta Marilena Chauí, o grande interlocutor do discurso integralista era a classe média urbana. Eram as camadas médias urbanas que os integralistas convocavam para exercer um papel militante e de

<sup>28</sup> BARROSO. *O integralismo de norte a sul*, p. 41.

<sup>29</sup> \_\_\_\_\_. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 76.

<sup>30</sup> \_\_\_\_\_. *O quarto império*, p. 161, 162.

<sup>31</sup> \_\_\_\_\_. *O integralismo em marcha*, p. 92, 93.

<sup>32</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1998, p. 65 (nota 15).

vanguarda no movimento.<sup>33</sup> Gustavo Barroso não era exceção, sendo também um representante da pequena burguesia em ascensão no Brasil dos anos 1920. Segundo Chasin, essa pequena burguesia reacionária é o “filho temporão da história planetária, não nasceu da luta, nem pela luta tem fascínio”. E arremata: “De verdade, o que mais o intimida é a própria luta, posto que está entre o temor pelo forte que lhe deu a vida, e o terror pelos de baixo que podem vir toma-la”.<sup>34</sup> Portanto, nada melhor a essa classe amedrontada do que um projeto político que não carregasse o legado de guilhotinas e gulags.

Baseando-se em Chasin, Antônio Rago Filho mostra que os fascismos europeus se orientavam para um nacionalismo agressivo, ávido por se expandir territorial e economicamente. Já no integralismo, era mais forte um nacionalismo defensivo, “como meio de proteção da família pequeno-burguesa, ameaçada pela lógica imanente à acumulação ampliada do capital”.<sup>35</sup> O nacionalismo defensivo, segundo Leandro Konder, “não se afirma em contraposição à humanidade em geral e não nega os valores das outras nações”.<sup>36</sup> É esse nacionalismo defensivo que permite ao integralista cearense fazer um chamado pela união entre nacionalistas de todos os países.

A Alemanha ocupa uma posição privilegiada no panegírico fascista de nosso autor. Para ele, “a fome, o desemprego, a escravização geraram no seio dum povo ordeiro, resistente, bravo e culto esse movimento formidável que levou ao poder Adolf Hitler”. Tal movimento “reconstituiu a Alemanha em novas bases, vencendo todos os obstáculos e desafiando todos os inimigos”.<sup>37</sup> Justificando a experiência nazista, ele escreve:

As imposições dos Aliados tiravam toda e qualquer liberdade de movimentos ao povo alemão, que fenecia na esterilidade das lutas partidárias, permitindo a infiltração do bolchevismo judaico. A ganância israelita cevava-se nessas ruínas, desvalorizando a moeda e concentrando todas as propriedades nas mãos ávidas.<sup>38</sup>

Barroso vê em Hitler o protetor da civilização ocidental frente à ameaça judaica. Comentando a saudação nazista com o braço, o autor diz que “É essa a saudação que, hoje, o braço de Hitler estende sobre a própria Germânia e que parece ordenar ao bolchevismo: Volta

---

<sup>33</sup> CHAUI, Marilena de Souza. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, Marilena de Souza; FRANCO, Maria Sílvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. v.3. Rio de Janeiro: CEDEC / Paz e Terra, 1985, p. 53-55.

<sup>34</sup> CHASIN, José, citado por RAGO FILHO, Antônio. *A crítica romântica da miséria brasileira: o integralismo de Gustavo Barroso*. Dissertação (mestrado em história) - PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em História, São Paulo, 1989, p. 18.

<sup>35</sup> RAGO FILHO. *A crítica romântica da miséria brasileira*, p. 27.

<sup>36</sup> KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977, p. 13.

<sup>37</sup> BARROSO. *O integralismo e o mundo*, p. 25, 26.

<sup>38</sup> \_\_\_\_\_. *O integralismo e o mundo*, p. 26.

para a Ásia! E à democracia liberal: Vai para o cemitério!”<sup>39</sup> Além disso, “O que Hitler pratica nos nossos dias é a repetição do que fez Tibério em Roma e, antes de Tibério e antes de Cristo, o pretor de Hispalus. É a defesa do Estado. É a defesa da Civilização”.<sup>40</sup>

Igualmente elogiosos são os trechos dedicados à Itália, especialmente em decorrência de seu pioneirismo no fascismo:

[Mussolini] bateu por toda a parte os comunistas, marchou sobre Roma e tomou o poder, afirmando princípios contrários ao do liberalismo que acabara de destruir: ao invés de *igualdade, hierarquia*, ao invés de *liberdade, disciplina*; ao invés de *fraternidade, devotamento à pátria*. Em todo o país houve completa transformação de atitudes. Ao redor do ditador, que arvorava como símbolo o velho fascio dos litores da Roma imperial, o feixe de varas protegido pelo machado, vieram formar todos os patriotas. Trabalhadores de toda a espécie e mesmo a maioria dos socialistas aderiram a ele. Desapareceram da tela das discussões as serôdias classificações de burgueses e operários. O rótulo fascista igualou todos os italianos no mesmo ideal e no mesmo esforço pela grandeza da Itália.<sup>41</sup>

O que nos chama atenção nesse trecho é a forma como o autor tenta construir uma simbologia para o fascismo que o afastasse do legado iluminista. Se o comunismo chama todos os operários a se unirem, o fascismo chama todos os nacionalistas a se unirem; se o liberalismo se inspira na Revolução Francesa e o comunismo na Revolução Russa, o fascismo se inspira na Marcha Sobre Roma; se os comunistas se inspiram em Lênin, os fascistas se inspiram em Mussolini e Hitler; se o liberalismo se apoia na burguesia e o comunismo no proletariado, o fascismo se apoia nos intelectuais; e, por fim, se o liberalismo prega liberdade, igualdade e fraternidade, o fascismo prega disciplina, hierarquia e devotamento à pátria. Nesse jogo de oposições, Gustavo Barroso busca forjar uma simbologia e uma identidade próprias à “primavera fascista” que ele tenta difundir.

Ao escrever sobre a situação austríaca, Barroso passa a imagem do fascismo como uma demanda popular no país: “O governo austríaco [de Engelbert Dollfuss] já decretou a organização corporativa do Estado, mas isso não satisfaz ao povo austríaco, que se vê minado pelo judaísmo e que já experimentou os horrores dos golpes comunistas”.<sup>42</sup> Ele destaca igualmente a simpatia dos austríacos pelo nacional-socialismo, observando que a Áustria “apoia-se no estrangeiro para impedir provisoriamente que o nazismo dela se apodere, porque ele corresponde às aspirações de seu povo; mas é obrigada a adotar a organização corporativa do

<sup>39</sup> BARROSO. *O integralismo de norte a sul*, p. 78.

<sup>40</sup> \_\_\_\_\_. *O que o integralista deve saber*, p. 119-120 (grifo no original).

<sup>41</sup> \_\_\_\_\_. *O integralismo e o mundo*, p. 155.

<sup>42</sup> \_\_\_\_\_. *O integralismo e o mundo*, p. 33.

Estado para poder viver”.<sup>43</sup> Assim, apesar de elencar a Áustria de Engelbert Dollfuss como um dos “exemplos concretos na esteira dos grandes movimentos vitoriosos de Hitler e de Mussolini”,<sup>44</sup> o autor sustenta que somente o nacional-socialismo irá salvar de fato o país.

O padre Everardo Guilherme, importante religioso brasileiro dos anos 1930, critica a abordagem de Barroso sobre a situação austríaca, alegando que “Por esta opinião ofendem-se gravemente os sentimentos mais íntimos dos católicos e temos mais uma prova de que é necessário que a imprensa católica esclareça, continuamente, as inteligências, conforme a verdade”. O religioso alega que os austríacos eram grandes entusiastas do governo de Dollfuss, e, referindo-se novamente aos escritos de Barroso, diz que “Entre os meus amigos integralistas não conheço nenhum (...) que concorde com um tal modo de ver os acontecimentos na Áustria”.<sup>45</sup> Essas observações sugerem que Barroso atraía a desconfiança de setores da Igreja Católica, pois estes não partilhavam de sua admiração pelo nacional-socialismo. O regime de Dollfuss, que se caracterizou muito mais por uma feição católico-autoritária do que por um teor fascista, lutou contra os próprios nazistas austríacos<sup>46</sup> - conflitos esses que o integralista cearense não menciona, talvez por temer comprometer o seu chamado pela união dos nacionalistas do mundo.

Outro exemplo de como o autor omite os conflitos entre fascistas e regimes nacionalistas conservadores está na sua abordagem da experiência portuguesa. Diz o autor que “O nacional-sindicalismo dos camisas-azuis com a Cruz de Cristo de Rolão Preto, em Portugal, desapareceu do cenário da nação”. Porém, não haveria motivo para preocupação, já que “o governo de Salazar põe em prática quase todas as suas ideias, criando o Estado Corporativo Português”.<sup>47</sup>

Aqui, o autor minimiza os conflitos existentes entre o nacional-sindicalismo e o governo de Oliveira Salazar, restringindo-se a afirmar que o primeiro simplesmente “desapareceu do cenário da nação”, sem dar maiores explicações. Em outro livro, o autor surpreende pela frieza com que trata do tema:

Sob a chefia de Rolão Preto, grande número de jovens fundaram um movimento nacional-sindicalista em Portugal. Usavam camisas-azuis e tinham como símbolo a cruz da ordem de Cristo. Sua doutrina esteava-se nos mais puros princípios do Integralismo Monárquico. Agitaram a opinião do país. Mas o ministro Salazar, quando começou a exercer a ditadura na presidência do Conselho de Ministros, dissolveu a organização e desterrou seus principais chefes.<sup>48</sup>

<sup>43</sup> BARROSO. *O quarto império*, p. 168.

<sup>44</sup> \_\_\_\_\_. *Brasil, colônia de banqueiros*, p. 117.

<sup>45</sup> GUILHERME, Everardo. *Solidarismo e os sistemas fascistas*. Rio de Janeiro: Editora ABC, 1937, p. 113.

<sup>46</sup> PAXTON. *A anatomia do fascismo*, p. 192.

<sup>47</sup> BARROSO. *O quarto império*, p. 166.

<sup>48</sup> \_\_\_\_\_. *O integralismo e o mundo*, p. 183-184.

Talvez com o propósito de mitigar os conflitos que surgiam no seio dos movimentos nacionalistas, o autor se contenta apenas em dizer que Salazar acabou com a organização e desterrou seus chefes, sem fazer uma reflexão mais elaborada a respeito. Em julho de 1934, Salazar aboliu o partido dos camisas-azuis nacional-sindicalistas de Rolão Preto, insatisfeito que estava com seu radicalismo e suas exigências cada vez maiores. Salazar não era afeito a agitações fascistas, preferindo controlar a população por meio de instituições tradicionais, como a Igreja. Apenas com a eclosão da Guerra Civil espanhola e com a insuficiência das instituições tradicionais, Salazar instaurou o Estado Novo, que, a despeito das semelhanças com o fascismo, tinha um movimento de juventude e um partido único de camisas azuis sem poder algum<sup>49</sup>.

Na Hungria, Barroso destaca o papel do almirante Miklos Horthy ao reerguer o país da séria crise pela qual passava após a derrota na Primeira Guerra Mundial:

O almirante pôs-se ao trabalho. Restituir ao país desmoralizado sua fé, curar-lhe as chagas incontáveis, expulsar de seu corpo a febre e a loucura das revoluções sucessivas, conciliar a fria incompreensão dos vencedores com o amor próprio dum povo ardoroso, restabelecer a legalidade e a ordem social, reprimir as paixões vingativas, as ambições e ciúmedas originadas do bolchevismo generalizado, restaurar a vida econômica duma terra pilhada em que tudo desabara, enfim ordenar a esse moribundo: - “Levanta-te e caminha!”<sup>50</sup>

Os termos “chagas”, “febre” e “moribundo”, todos eles efeitos do “bolchevismo generalizado”, exprimem em grande medida o imaginário político do Brasil nos anos 1930, no qual o inimigo era associado a uma doença. Isso foi verdade especialmente no discurso anticomunista, que associava o país a um organismo vivo para o qual o comunismo era uma doença. Assim, eram comuns as metáforas biológicas ao se referir ao comunismo e à sua expansão: contágio, contaminação, infecção, cura, desintoxicação, entre outras<sup>51</sup>.

Com isso, vemos mais um exemplo de como Barroso destaca, em diferentes países, problemas similares aos brasileiros, além de descrever esses problemas usando figuras similares. Assim como o Brasil era uma “colônia de banqueiros”, a Hungria era uma “terra pilhada”; do mesmo modo que a Hungria padecia de uma série de doenças, o Brasil estava “tão doente quanto o mundo”. O integralismo seria esse remédio salvador, e aos integralistas caberia aplicar esse remédio “quer o doente queira ou não queira”, já que o que importava não era a vontade do “doente”, mas sim “obter a força para impor a nossa medicina”.<sup>52</sup>

<sup>49</sup> PAXTON. *A anatomia do fascismo*, p. 248, 249.

<sup>50</sup> BARROSO. *O integralismo e o mundo*, p. 113.

<sup>51</sup> DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *O ardil totalitário* (imaginário político no Brasil dos anos 30). Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1997, p. 42, 44, 45.

<sup>52</sup> BARROSO. *O integralismo em marcha*, p. 110.

Ao discorrer sobre a Hungria, Barroso não cita os Cruzes Flechadas de Ferenc Szálasi, movimento fascista mais expressivo do país. Miklos Horthy nunca teve uma convivência pacífica com os Cruzes-Flechadas. O almirante selou alianças com Mussolini e Hitler, ao mesmo tempo em que reprimia manifestações fascistas internamente.<sup>53</sup> Provavelmente Barroso não queria trazer à tona a conflituosa relação entre os Cruzes-Flechadas e o almirante Horthy, sob pena de comprometer seu projeto de uma “internacional fascista”.

A ascensão do fascismo na Bulgária ocupa um espaço considerável na obra de Barroso:

As forças ocuparam as Centrais elétricas, ferroviárias e telegráficas durante a noite. Ao amanhecer, o regime liberal sem um protesto encaminhava-se para o cemitério. Estava encerrada a falação diária da Sobranié [a câmara] e terminada a era dos conchavos para formar ministérios com as eternas questões de mais uma pasta para contentar este ou aquele. Um sopro fascista derrubava o carcomido liberalismo, e o comunismo covarde, apesar da proximidade da Rússia, não teve o topete de pôr a cabeça à janela ao menos para ver o enterro de seu pai, o liberalismo...<sup>54</sup>

O trecho acima praticamente resume as aflições de Barroso. Ao reduzir o parlamento búlgaro a uma “falação diária” e a “conchavos” em prol de interesses individuais, ao acusar o liberalismo de “carcomido” e ao alegar que este era pai do comunismo, Barroso projeta sobre a Bulgária suas angústias sobre o Brasil: o antiliberalismo, o anticomunismo, a desconstrução do antagonismo entre liberalismo e comunismo, a aversão ao parlamentarismo e aos jogos políticos tão característicos da República Oligárquica. O autor destaca que o fascismo búlgaro “não foi feito para servir à ambição deste ou daquele general, porém à ambição de uma pátria melhor”.<sup>55</sup> Já que o século XX seria o século dos *deveres* do homem, sua concepção política deveria colocar os interesses coletivos da nação acima dos interesses individuais de políticos – noção essa que já era defendida por intelectuais brasileiros dos anos 1920, a exemplo de Tristão de Ataíde.

Na Letônia, o movimento fascista era o Peskonkrusts. Nesse país, apesar do fim de um governo democrático e da implantação de um governo centralizador em maio de 1935, o novo governo ainda não teria chegado “ao ponto revolucionário que todo o povo deseja”. A dissolução do parlamento e dos partidos políticos e o confinamento dos líderes socialdemocratas em campos de concentração seriam “os sintomas da Revolução Fascista”.<sup>56</sup>

A Letônia é uma janela que dá sobre a Rússia. Por ela os letões estão vendo o monstruoso domínio dos aventureiros e bandidos israelitas sobre a pobre Rússia. Deus os livre que semelhante gente venha anarquizar sua vida. E o fascismo é a sua legítima defesa. Não há maior desmoralização para a URSS do

<sup>53</sup> WEBER, Eugen. *Varieties of fascism* (doctrines of revolution in the twentieth century). Princeton: D. van Nostrand, 1964, p. 93.

<sup>54</sup> BARROSO. *O integralismo e o mundo*, p. 48-49.

<sup>55</sup> \_\_\_\_\_. *O integralismo e o mundo*, p. 47.

<sup>56</sup> \_\_\_\_\_. *O integralismo e o mundo*, p. 35-36.

que a existência do fascismo nos pequeninos países que a rodeiam no litoral Báltico. O Império Russo reduzira-os a meras províncias. Os Sovietes, hoje, têm medo deles. É o próprio senhor Arbo quem confessa que esses países, se tiverem de marchar, marcharão com a Alemanha contra os Sovietes!!!<sup>57</sup>

O fato de o fascismo triunfar às margens da União Soviética seria a prova cabal do fracasso comunista. Se os letões, tão próximos dos soviéticos, preferiram o fascismo, o mesmo haveria de acontecer no Brasil. Quando Barroso prevê que a Letônia e outras repúblicas bálticas “marcharão com a Alemanha contra os Sovietes”, ele reafirma a existência de uma solidariedade fascista mundial. Ao descrever o fascismo letão como uma manobra de “legítima defesa”, Barroso deixa entrever o caráter defensivo do nacionalismo integralista.

A fim de justificar o rigor do fascismo letão e provar seu caráter defensivo, Barroso chama a atenção para as influências perniciosas que o judeu exerceria sobre o país:

Os estudantes letões que fazem parte dos Peskonkrusts são dum antissemitismo feroz. Desde 1922 que a mocidade letona expulsou com pancadaria os estudantes judeus de suas escolas. Em Riga, muitas vezes os têm apupado e varrido dos cinemas e teatros. Em 1923, o governo instaurou um inquérito a respeito e verificou por ele que os estudantes nacionalistas tinham toda a razão. As universidades estavam invadidas pelos judeus, que ostentavam um grande luxo e só se consagravam ao estudo, enquanto que os filhos da nação explorada tinham de trabalhar para ganhar a vida e estudar.<sup>58</sup>

Dado o exposto até aqui, vemos que a análise de Barroso apresenta uma série de recorrências. Os fascistas são elogiados por seu devotamento e por seu sacrifício em prol da nação. Eles também são valorizados em suas lutas contra forças desagregadoras: o comunismo, o liberalismo, os facciosismos políticos da democracia parlamentar, a opressão dos banqueiros e o judeu, a serviço do qual todas essas forças trabalhariam. Tais mazelas seriam também as mazelas brasileiras contra as quais o integralismo lutava. Tendo em vista que o inimigo era universal, o fascismo também deveria sê-lo, já que “a obrigação precípua de todo e qualquer movimento nacionalista é combater o ídolo áureo e seus sacerdotes judaicos”.<sup>59</sup> Um exemplo de como essa identificação entre objetivos teve respaldo no Brasil está no discurso do Dr. Affonso dos Santos que consta do livro do padre Everardo Guilherme:

O Integralismo, Senhores, é um movimento profundamente brasileiro; consulta inteiramente as realidades de nossa terra, de nossa gente, de nossa cultura e de nossa religião. É uma solução brasileira a um problema geral, que tem recebido, em outros países, soluções apropriadas a cada um deles. Não se trata apenas da Itália, da Alemanha; mas de outros países, como Portugal, Turquia, Inglaterra, França, Bélgica, Espanha, que estão oferecendo correntes de opinião no sentido da reforma nacionalista e espiritualista em contraste ao internacionalismo materialismo [sic] de Moscou. Não temos os mesmos problemas da Europa, diz

<sup>57</sup> BARROSO. *O integralismo e o mundo*, p. 37.

<sup>58</sup> \_\_\_\_\_. *O integralismo e o mundo*, p. 37, 38.

<sup>59</sup> \_\_\_\_\_. *Integralismo e catolicismo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora ABC, 1937, p. 25.

o dr. Deadato. Engana-se. Já os temos. Não devemos fechar os olhos às realidades.<sup>60</sup>

O sergipano José Augusto da Rocha Lima, importante intelectual católico, fornece-nos outro exemplo de como a estratégia de associar os inimigos do integralismo aos inimigos dos fascistas foi assimilada por alguns leitores. A edição de *O integralismo e o mundo* à qual tivemos acesso, disponível na biblioteca da FAFICH-UFMG, pertenceu ao dito intelectual, que fez valiosas anotações no ano de 1936<sup>61</sup>. Ao escrever sobre a Cruz de Fogo, grupo fascista francês, Barroso denuncia que, na França, as sociedades anônimas se transformaram em “um instrumento legal de ladroeiros e pilhagens”.<sup>62</sup> Ao lado dessa passagem, Rocha Lima anotou: “Grande verdade! Temos exemplos em Sergipe?”. Quando o integralista cearense escreve que o grande beneficiário do capitalismo desregrado é “a oligarquia fechada e poderosa dos administradores” em detrimento dos acionistas,<sup>63</sup> Rocha Lima se entusiasma: “Muito bem! Em Sergipe, as fábricas de tecidos não pagam dividendos aos acionistas... ou pagam bagatela”. A seguir, ele arremata: “Eis o retrato exato das fábricas em Sergipe!”.

Demóstenes Madureira de Pinho, militante da AIB, observa que no Brasil dos anos 1930 “o dilema fascismo-comunismo esmagava qualquer capacidade de raciocínio” da juventude da época, “a não ser dos que, herdeiros de uma situação diluída pelo tempo, sonhavam manhosamente em prosseguir naquele jogo vazio e falso que se apelidava de liberal-democracia”.<sup>64</sup> Diante disso, um dos grandes objetivos de Barroso era justamente o de convencer seus leitores de que o fascismo era a melhor opção, apresentando ainda o integralismo como um representante brasileiro na luta fascista mundial. Um dos temas mais debatidos no Brasil dos anos 1920 e 1930 remetia à defesa de um Estado forte adaptado à “realidade brasileira”. Tal Estado deveria ser tributário de uma doutrina genuinamente nacional, em oposição ao regime de 1889, considerado incompatível com o país. Autores como Alberto Torres, Oliveira Viana, Tristão de Ataíde e Euclides da Cunha já ressaltavam a importância do homem e das tradições sertanejas na busca pela “verdadeira nacionalidade”.<sup>65</sup> O afloramento do nacionalismo gerou terreno fértil para o antissemitismo e contribuiu para a popularidade das obras de Barroso<sup>66</sup>. O projeto nacionalista

<sup>60</sup> SANTOS, Affonso dos. O integralismo é extremista e não pode ser extremismo – a significação nacional e internacional do fascismo. In: GUILHERME. *Solidarismo e os sistemas fascistas*, p. 201.

<sup>61</sup> Ver imagens anexas no fim do artigo.

<sup>62</sup> BARROSO. *O integralismo e o mundo*, p. 100.

<sup>63</sup> \_\_\_\_\_. *O integralismo e o mundo*, p. 100, 101.

<sup>64</sup> PINHO, Demóstenes Madureira de, citado por MICELI, Sérgio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras/Fundação Biblioteca Nacional, 2001, p. 139.

<sup>65</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930*. Dissertação (mestrado em história) - USP, Programa de Pós-Graduação em História, 1992, p. 161-162, 166.

<sup>66</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O antissemitismo na Era Vargas* (Fantasmas de uma geração – 1930-1945). São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 355, 356.



de Barroso, potencializado pela sua produção literária e pelo seu papel na fundação do MHN, estava em sintonia com a ascensão de movimentos nacionalistas no mundo e com os intensos debates intelectuais dos anos 1920 e 1930 em busca de uma identidade nacional. As obras do integralista cearense influenciaram e foram influenciadas por esse cenário político e intelectual. Foi nesse cenário que suas ideias encontraram condições históricas para emergir e se difundir.

Por fim, é digno de nota o fato de Barroso omitir temas que evidenciam tensões no seio dos nacionalismos. Tais cisões eram comuns em países como a Hungria, Portugal, Espanha e Áustria, onde movimentos fascistas entraram em choque com regimes autoritários conservadores. Diferente de regimes como os de Horthy, Salazar, Franco e Dolfuss, o fascismo “Não [estava] comprometido com uma continuidade conservadora em relação ao passado recente, ou um mero retorno reacionário a ele, mas orientado para o futuro”.<sup>67</sup> Notamos que, em Barroso, “o texto, a ideia, cria o mundo, dá sentido à existência e configura a realidade, que passa a existir depois; jamais antes”. O autor tem um projeto para o mundo, mas, em seus textos, “o mundo e os fatos se conformam à teoria, e não o contrário”.<sup>68</sup> Aqui, é pertinente a noção de “atos de instituição”, já que temos “um indivíduo, agindo (...) em nome de um grupo mais ou menos importante numérica e socialmente”, que quer transmitir a alguém sua visão de mundo e, ao mesmo tempo, “cobrar de seu interlocutor que se comporte em conformidade com a essência social que lhe é assim atribuída”. Expressando sua visão de mundo, Barroso ajuda a “fazer a realidade desse mundo”.<sup>69</sup> Ou seja: conclamando os nacionalistas a se unirem, nosso autor configura uma realidade na qual tal união é possível. Ainda que tal proposta apresentasse inconsistências, isso não faria diferença, pois o poder das palavras não reside nelas, mas naquele que as enuncia.<sup>70</sup>

### **O integralismo à luz dos fascismos**

O panegírico que Barroso dirige aos fascismos de diversos países nem sempre era partilhado por outros setores da sociedade. A simpatia que os brasileiros nutriam pelos movimentos fascistas europeus sempre esbarrava no caráter racial do nacional-socialismo alemão e em seu suposto paganismo. Admirava-se o Terceiro Reich em sua luta contra o comunismo, o liberalismo e a maçonaria, mas se reprovava seu racismo e sua perseguição aos cristãos. O padre Everardo Guilherme esperava que o integralismo não seguisse esse rumo:

O nazismo nacional proibiu a maçonaria, mas prendeu as crianças católicas na mesma cadeia, expulsando os religiosos e professores católicos. Não é mentira

<sup>67</sup> LINZ, Juan citado por CAZETTA, Felipe *Fascismos e Autoritarismos: a cruz, a suástica e o caboclo – fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932-1945*. Dissertação (Mestrado em História) – UFJF, Programa de Pós-Graduação em História, Juiz de Fora, 2011, p. 69.

<sup>68</sup> CYTRYNOWICZ. *Integralismo e antisemitismo*, p. 57, 79.

<sup>69</sup> BOURDIEU. *A economia das trocas linguísticas*, p. 82.

<sup>70</sup> \_\_\_\_\_. *A economia das trocas linguísticas*, p. 85.

dizer que os católicos na Alemanha compraram nabos em saco com sua concordata e é justamente isto que obriga a ponderar bem os atos dos chefes integralistas. As circunstâncias na Alemanha e no Brasil são diferentes, daí a diferença na apreciação e na aplicação do fascismo, porém a origem da doutrina é a mesma Itália, com o seu chefe Mussolini. Entretanto, há esperança e possibilidade de que o integralismo seja aplicado num sentido leal a respeito da liberdade da religião e da Santa Madre Igreja.<sup>71</sup>

Não bastassem as desavenças com setores da Igreja Católica, Barroso ainda tinha problemas com Plínio Salgado. Como fundador da AIB, Plínio se preocupava com a originalidade de sua doutrina, abstando-se de explorar as semelhanças desta com os fascismos europeus<sup>72</sup>. Em sua carta de natal de 1935, publicada no jornal ele critica duramente Hitler e o nacional-socialismo<sup>73</sup>. Oscar Mendes, cujo discurso também consta do livro do padre Everardo Guilherme, não poupava críticas ao Terceiro Reich, denunciando a perseguição aos católicos alemães e o caráter racista e anticristão do nacional-socialismo:

No caso da perseguição religiosa na Alemanha nós vimos e estamos vendo como o ditador nazista vem agindo. Persequindo todas as religiões no território alemão e especialmente a católica, diz-se depois a vítima e esbraveja grotescamente até contra um cardeal norte-americano, somente porque o príncipe da Igreja teve o desassombro de se referir à antiga profissão do sr. Hitler ao tempo em que ele não usava bigodinho e não fazia gestos simbólicos. (...) No seu ódio aos católicos e a qualquer religião, dizem que já estabeleceu um dilema para o cidadão alemão: ou Cristo, ou Hitler.<sup>74</sup>

Assim, Barroso era um intelectual imerso em conflitos não só com a Igreja e outros integralistas, mas também – e mais claramente – com os movimentos de esquerda, a exemplo da ANL e do PCB. Segundo Eliana Dutra, a esquerda brasileira acusava o integralismo de agir a serviço do imperialismo nazifascista, ameaçando a soberania brasileira<sup>75</sup>. Muitas vezes na imprensa e no Congresso alegavam que os camisas-verdes recebiam armas da Alemanha. Até observadores estrangeiros viam na AIB um órgão a serviço dos interesses do Terceiro Reich em terras brasileiras<sup>76</sup>. Era imperativo, portanto, apresentar o integralismo como uma doutrina genuinamente brasileira, pois associá-lo a fórmulas estrangeiras acabaria por destruir um dos seus grandes trunfos: a não filiação a ideologias alienígenas. Por outro lado, afastando o integralismo por completo dos fascismos europeus, o integralismo perderia o seu respaldo internacional. O antissemitismo permitia estabelecer um elo entre o integralismo e os fascismos europeus,

<sup>71</sup> GUILHERME. *Solidarismo e os sistemas fascistas*, p. 100, 101.

<sup>72</sup> TRINDADE. *Integralismo*, p. 212.

<sup>73</sup> SALGADO, Plínio. Carta de natal e fim de ano. In: SALGADO, Plínio. *O integralismo perante a nação*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1950, p. 54, 55.

<sup>74</sup> MENDES, Oscar. Os destruidores da Alemanha. In: GUILHERME. *Solidarismo e os sistemas fascistas*, p. 242, 243.

<sup>75</sup> DUTRA. *O ardil totalitário*, p. 95.

<sup>76</sup> HILTON, Stanley. *O Brasil e a crise internacional (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 32.

ajudando a situar o integralismo como parte de uma tendência mundial, e não como manifestação isolada<sup>77</sup>. Assim, o autor busca um meio-termo:

Alguns escrevinhadores imbecis, sem cultura para entender nossa missão e nosso raciocínio, a cada passo nos chamam de imitadores do fascismo ou plagiadores do hitlerismo. Não somos imitadores e plagiadores dum ou doutro, como não o é o grande movimento dos camisas azuis que Mosley desencadeia na velha Inglaterra. Somos simplesmente ramos da mesma árvore, filhos da mesma doutrina, resultados da mesma concepção totalitária do universo.<sup>78</sup>

Tentando ressaltar o caráter cristão do integralismo – e conseqüentemente afastando-o do suposto paganismo nazista – o autor escreve, em 1937, que, “se somos um povo cristão, se queremos criar um Estado Cristão (...) o nosso conceito de cultura tem de ser, fatalmente, um conceito espiritual, um conceito cristão”. Tal conceito “não vem batizado com a ardência do sol líbico, nem com a espuma das cachoeiras que cantam nos araxás e nos sertões americanos, mas com a água azul do velho mar Mediterrâneo”.<sup>79</sup> Note-se como essa passagem parece querer retificar essa outra, escrita dois anos antes: “Seus olhos [do Brasil] não se podem voltar para as estepes gélidas da Rússia, onde habitam outros Deuses, mas para os sertões queimados de sol e as serranias banhadas de luz onde ainda falam os seus Egrégoros formidáveis!”<sup>80</sup>

Dessa forma, não podemos nos iludir pelo panegírico integralista à miscigenação e à integração racial. Isso porque o projeto integralista “tinha como objetivo a construção e formação de uma homogeneidade racial e étnica da população, através do caldeamento racial e cultural, resultando no almejado domínio da raça e cultura brancas”.<sup>81</sup> Índios e negros só são valorizados na medida em que compactuam com o projeto civilizador lusitano cristão.

A seguinte passagem é ainda mais significativa quanto às tentativas do autor de ressaltar a originalidade integralista. Comentando as relações entre integralismo e nazi-fascismo, ele diz:

Separam-nos, no entanto, diferenças profundas. O Fascismo se enraíza na gloriosa tradição do Império Romano e sua concepção do Estado é cesariana, anticristã. O Estado nazista é também pagão e se baseia na pureza da raça ariana, no exclusivismo racial. Apoiado neste, combate os judeus. O Estado Integralista é profundamente cristão, Estado forte, não cesarianamente, mas cristamente, pela autoridade moral de que está revestido e porque é composto de homens fortes.<sup>82</sup>

Diante das acusações que Plínio Salgado e setores da Igreja dirigem ao regime de Hitler, é compreensível que Barroso não tenha levado às últimas conseqüências a sua identificação com o

<sup>77</sup> CYTRYNOWICZ. *Integralismo e antisemitismo*, p. 192.

<sup>78</sup> BARROSO. *O integralismo em marcha*, p. 89.

<sup>79</sup> \_\_\_\_\_. *Integralismo e catolicismo*, p. 58.

<sup>80</sup> \_\_\_\_\_. *A palavra e o pensamento integralista*, p. 176.

<sup>81</sup> CRUZ. *O integralismo e a questão racial*, p. 276.

<sup>82</sup> BARROSO. *O integralismo e o mundo*, p. 17.

nacional-socialismo. Por isso seu empenho em enfatizar a diferença e a superioridade do integralismo perante seus congêneres. O padre Everardo Guilherme é um exemplo de como o público católico estava atento aos escritos de Barroso. Apesar das críticas, o religioso transcreve a parte final do fragmento acima reproduzido e, com isso, expressa sua esperança de que “se os primeiros chefes [integralistas] não forem defensores dos interesses nacionais, com uma paixão ‘chauvinista’ (...) poderemos esperar a prosperidade do novo fascismo-brasileiro”. Conclui-se então que “o internacionalismo-integralista *promete ser harmônico*”.<sup>83</sup>

Diferente também seria o corporativismo propugnado pelo integralismo: “As Corporações na Itália e na Alemanha refletem o Estado; no Brasil, produzem o Estado”. A organização do Estado no Brasil integralista partiria das famílias, ao passo que na Alemanha nazista e na Itália fascista o impulso viria de cima: o governo organizaria tudo, até o âmbito familiar<sup>84</sup>. O modelo de Estado proposto pelo autor remete à “cordialidade” de que nos fala Sérgio Buarque de Holanda. Contemporâneo de Gustavo Barroso, o autor de *Raízes do Brasil* observa que, naquele tempo, ainda eram frequentes os focos de resistência ao processo de substituição dos laços de sangue e afeto por princípios abstratos e impessoais. Tais focos se achavam em diversos círculos, dos quais o mais forte foi a família, sendo que um importante desdobramento “da supremacia incontestável, *absorvente, do núcleo familiar* (...) está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós.”<sup>85</sup> Assim como o homem cordial é incapaz de perceber limites entre o público e o privado, lidando com o político como quem lida com assuntos particulares,<sup>86</sup> o Estado integralista seria uma projeção do ambiente familiar sobre a política.

Roney Cytrynowicz afirma que as camadas médias urbanas brasileiras nos anos 1930 viviam à sombra das oligarquias rurais, ocupando cargos importantes de governo e usufruindo da ordem estabelecida.<sup>87</sup> Com a derrota dessas oligarquias consumada em 1930 e 1932, as camadas médias que nelas se apoiavam protagonizaram um “surto de organizações ‘radicais’ de direita a que se filiaram diversos jovens, políticos e intelectuais desejosos de escapar por essa via ao destino de seus antigos patrões”.<sup>88</sup> Entre essas camadas médias “órfãs” encontramos também os integralistas. Assim, o integralismo pode ser considerado um dos últimos suspiros do homem cordial, saudoso do Brasil oligárquico, patriarcal e agrário-exportador. O integralismo seria um

<sup>83</sup> GUILHERME. *Solidarismo e os sistemas fascistas*, p. 75, 140.

<sup>84</sup> BARROSO. *O integralismo e o mundo*, p. 18.

<sup>85</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 14ª edição. Coleção documentos brasileiros, volume 1. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981, p. 103, 106 (grifo nosso).

<sup>86</sup> \_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*, p. 105, 106.

<sup>87</sup> CYTRYNOWICZ. *Integralismo e antissemitismo*, p. 150.

<sup>88</sup> MICELI. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*, p. 78.

dos focos de resistência que, no Brasil dos anos 1930, brandia o tacape dos valores afetivos diante da marcha avassaladora do capitalismo frio e impessoal.

Em suma: Barroso justifica a superioridade do integralismo pelas suas raízes cristãs, pelo seu universalismo (em contraposição aos exclusivismos raciais nazifascistas) e por seu corporativismo diferenciado. Com isso, ele conclui que “o Integralismo está num ponto em que se não pode aproximar do Fascismo e do Nazismo sem perda de expressão; mas em que ambos podem evoluir até ele”.<sup>89</sup> Extrapolando a “falácia autonomística” que Gilberto Vasconcellos atribui ao integralismo,<sup>90</sup> nosso autor insiste não só na singularidade e na superioridade da doutrina integralista, como também ressalta que ela deve servir de modelo aos nacionalistas de outros países. Os exclusivismos raciais seriam, para Barroso, somente aspectos negativos dos quais os fascismos europeus deveriam se livrar para o seu próprio bem (e também para o bem do projeto barrosiano de uma solidariedade fascista internacional).

O integralismo figuraria como modelo para os fascismos europeus graças à sua maior dose de espiritualidade, resultado de seu surgimento tardio:

O Integralismo Brasileiro, que simboliza no SIGMA a soma de todas as realidades, fatores, atividades e aspirações duma grande pátria, desmoralizada pelo liberalismo, solapada pelo comunismo e escravizada pelo banqueirismo, de todos os movimentos fascistas do mundo atual é aquele que contém maior dose de espiritualidade. Surgido depois de Mussolini e de Hitler, ele afirma mais fortemente o primado do espírito e mais alto se eleva, como prova sua doutrina, para as verdades eternas que cintilam nas auroras dos novos tempos.<sup>91</sup>

Barroso se apropria de um fator que poderia ser considerado prejudicial ao integralismo – o seu não pioneirismo – e transforma-o em um elemento que conspira a seu favor. Além disso, na Itália a ascensão do fascismo teria se dado de forma apressada, com a prática precedendo a teoria. Mesmo Mussolini admitia que os anos que precederam a Marcha Sobre Roma foram anos difíceis, nos quais a necessidade de ação imediata impediu a elaboração de um programa mais sólido<sup>92</sup>. O integralismo, por sua vez, teria conseguido se desenvolver plenamente no plano das ideias para só depois se concretizar na prática:

De todos os movimentos de caráter fascista (...) o Integralismo Brasileiro é o que contém maior dose de espiritualidade e um corpo de doutrina mais perfeito, indo desde a concepção do mundo e do homem à formação dos grupos naturais e à solução dos grandes problemas materiais.<sup>93</sup>

<sup>89</sup> BARROSO. *O integralismo e o mundo*, p. 18.

<sup>90</sup> VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira* (análise do discurso integralista). São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 57, 58. A “falácia autonomística” é a reivindicação integralista de uma originalidade diante de quaisquer doutrinas estrangeiras, recusando a se reconhecer como tributário delas.

<sup>91</sup> BARROSO. *O quarto império*, p. 174.

<sup>92</sup> MUSSOLINI, Benito. The political and social doctrine of fascism, 1932. In: WEBER. *Varieties of fascism*, p. 148.

<sup>93</sup> BARROSO. *O integralismo e o mundo*, p. 15.

Logo, diferente do que escreve Jefferson Rodrigues Barbosa,<sup>94</sup> a tentativa da AIB de desvencilhar-se dos fascismos europeus não acontece apenas após o golpe do Estado Novo. Vimos que desde *O integralismo em marcha*, escrito em 1933, Gustavo Barroso já enfatizava a peculiaridade do integralismo diante de doutrinas estrangeiras. Além disso, como também já demonstramos, outros textos do autor anteriores a 1937 já pontuavam que o integralismo era uma doutrina singular, com características que o diferiam dos fascismos europeus. Após a decretação do Estado Novo, muitos dos trechos escritos por Gustavo Barroso foram publicados no jornal integralista *Ação*. É o caso dos dois últimos trechos reproduzidos acima, que saíram no *Ação* de 15 de dezembro de 1937, em artigo intitulado “Nacionalismo, Fascismo e Nazismo”. No trecho reproduzido no jornal, porém, trocou-se “afirma” por “afirmava”, “integralismo” por “ex-integralismo” e “contém” por “continha”, revelando a resignação dos camisas-verdes diante da proibição da AIB. Outros dois trechos aqui transcritos (extraídos de *O integralismo e o mundo*, p. 16, 17) também foram reproduzidos nesse artigo, com os mesmos tipos de modificações: escrevendo-se “ex-integralismo” e colocando os verbos no passado<sup>95</sup>.

Evidência inequívoca da superioridade integralista teria sido sua “exata compreensão desse sentido revolucionário” no qual “dão-se as mãos através dos tempos e dos espaços o ‘Zend-Avesta’, José de Maistre, d’Eraines, Ferrero e o chefe Plínio Salgado”.<sup>96</sup> Em outras palavras: só o integralismo teria tido a sensibilidade de perceber a “primavera fascista”, cabendo a ele despertar os seus “irmãos” ao redor do mundo. O teor defensivo e até mesmo confraternizador do nacionalismo integralista é tão forte na obra de Barroso que o autor chega ao paroxismo de atribuir traços defensivos a outros fascismos no mundo:

*Os Francistas [fascistas franceses] pensam em francês na hora em que certos operários pensam em russo, certos intelectuais pensam em grego, certos franceses admiram tanto a antiga Roma que preferem César ao seu glorioso adversário, Vercingetorix, defensor do solô pátrio, e em que outros, enfim, pensam como judeus, o que é o cúmulo do abastardamento moral. (...) Os Francistas são mais do que franceses e por isso admiram os fascistas italianos e os nazis alemães, porque eles são os mais italianos dos italianos e os mais alemães dos alemães.*<sup>97</sup>

Gustavo Barroso valoriza nos “sonhos do passado” mobilizados pelos fascismos sua capacidade de promover a paz e a compreensão entre os povos. Ele se decepciona ao constatar que os franceses se identificavam mais com César do que com Vercingetorix, guerreiro que

<sup>94</sup> “Depois da concretização do golpe do Estado Novo a AIB tenta desvencilhar a imagem dos integralistas com os partidos e movimentos políticos europeus que faziam apologia nas edições anteriores do *Ação*”. BARBOSA, Jefferson Rodrigues, *Sob a sombra do eixo: camisas-verdes e o jornal integralista Ação (1936-1938)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Unesp, Marília, 2007, p. 189.

<sup>95</sup> \_\_\_\_\_. *Sob a sombra do eixo*, p. 189.

<sup>96</sup> BARROSO. *O quarto império*, p. 148.

<sup>97</sup> \_\_\_\_\_. *O integralismo e o mundo*, p. 103.

comandou os gauleses na luta contra o domínio romano. Para Barroso, essa valorização dos heróis nacionais não teria como fim acirrar as rivalidades com outros povos, mas sim aproximá-los. Ao dizer que os francistas admiram os fascistas italianos e os nazistas alemães por estes serem verdadeiramente italianos e alemães, ele tenta não só pintar um quadro de camaradagem entre os fascistas do mundo, mas também dizer que só o nacionalismo promoveria a paz mundial. Cada povo tem os seus “egrégoros”, e cada nacionalista deveria se identificar com esses egrégoros não em *detrimento*, mas em *benefício* dos demais povos. É por isso que o autor contrapõe o “internacionalismo individualista do século passado” ao “universalismo personalista das doutrinas denominadas *fascistas*”, sendo que estas últimas se diferenciariam não só pelo respeito à liberdade e à dignidade humanas, mas também porque “se universalizam pelo seu espiritualismo”.<sup>98</sup> As obras de Barroso, portanto, são entremeadas pelo exercício de se conferir ao fascismo um aspecto que só o comunismo e o liberalismo apresentavam: a possibilidade de se universalizar.

O internacionalismo seria um dos muitos inimigos contra os quais o integralismo se bateria, já que ele “acaba com as Pátrias em benefício exclusivo dos que não têm pátria” – isto é, os judeus. Barroso defende que todo homem deve ser regionalista, patriota e universalista ao mesmo tempo: regionalista por amor ao pequeno espaço no qual nasceu, patriota como extensão desse sentimento ao resto do país, e universalista pelo sentimento de pertença a uma mesma humanidade. Assim, “É necessário ser, *suficientemente*, os três”, já que “nenhum deles, bem entendido, colide com os outros e todos levam à mesma ascensão espiritual”.<sup>99</sup>

No Brasil dos anos 1930, onde litígios fronteiriços e rivalidades nacionalistas praticamente inexistiam, a ideia de uma internacional fascista era concebível. Em se tratando da Europa pós-Guerra, porém, essa era uma questão bem mais complexa. Nem mesmo a aliança entre Roma e Berlim fugia desse dilema. A ideologia nacionalista era fonte, a um só tempo, de solidariedade e competição entre as matrizes fascistas italiana e alemã. Fascismo e nacional-socialismo eram irmãos, mas irmãos que estavam sempre brigando por poder e por espaço<sup>100</sup>. O integralismo brasileiro não fugiria a esse impasse. Segundo Bertonha, “a relação de Roma com a AIB (...) é perfeitamente integrada ao padrão mais geral que indica (...) que o relacionamento entre movimentos e Estados fascistas gira em torno da competição nacionalista e da solidariedade/competição ideológica”. Porém, “*no limite*, ele [o relacionamento] acaba conduzindo ou a conflitos inadministráveis ou à subordinação de um pelo outro”.<sup>101</sup> As tensões entre os integralistas e os planos da Alemanha nazista para o sul do Brasil são bastante representativas

<sup>98</sup> \_\_\_\_\_. *O integralismo e o mundo*, p. 13, 14.

<sup>99</sup> \_\_\_\_\_. *O que o integralista deve saber*, p. 68, 69.

<sup>100</sup> BERTONHA. *A questão da “Internacional Fascista”*, p. 106, 109.

<sup>101</sup> \_\_\_\_\_. *A questão da “Internacional Fascista”*, p. 112 (grifo nosso).

nesse sentido, já que o nacionalismo integralista “chocava-se frontalmente com os interesses culturais alemães no Brasil, pois, em seu desejo de forjar uma nação unida, os camisas-verdes insistiam na assimilação de todas as ‘colônias estrangeiras’”.<sup>102</sup> Ao visitar Blumenau em 1935, Plínio Salgado teria dito a um líder nazista que “Já que temos os mesmos inimigos, somos amigos”. Porém, “se só adversários comuns (...) forjavam o elo entre os dois movimentos, quanto tempo duraria a amizade? Era esta a pergunta que elementos alemães se faziam nos anos 30, e a resposta lógica os preocupava”.<sup>103</sup> Atentemo-nos ainda para a prontidão com que os integralistas demonstraram seu apoio ao presidente Vargas na sua declaração de guerra ao Eixo em agosto de 1942. Entre os abaixo-assinados do telegrama, pelo qual os integralistas se dispunham a se sacrificar “sem distinção de classe ou idade, pela soberania nacional”, encontramos o próprio Gustavo Barroso.<sup>104</sup>

Segundo Paxton, em seus estágios iniciais o discurso fascista apresentava um teor anticapitalista e anti-imperialista que desvanecia à medida que o fascismo se aproximava do poder<sup>105</sup>. Muitos aderiam ao Partido Nacional-socialista atraídos justamente pelo seu teor “socialista”, compondo a chamada “ala proletária” do partido<sup>106</sup>. Assim, como bem observou Antônio Rago Filho, “para Barroso não há sequer uma suspeita da natureza ontológica do fascismo como um *nacionalismo imperialista* intimamente colado à expansão econômica dirigida pelo grande capital”.<sup>107</sup> Posteriormente, outro importante integralista, o jurista Miguel Reale, explicaria que, àquela época, ele não conseguia perceber que o fascismo estava tomando contornos imperialistas e sujeitando-se aos imperativos do capital<sup>108</sup>. Essa inclinação de vários brasileiros – integralistas ou não – a ver o nazi-fascismo muito mais como um aliado do que como um rival foi um importante fator que contribuiu para a emergência e difusão da postura intelectual e política propugnada por Barroso.

### Conclusões

Em 1936, no auge da atuação da AIB, Sérgio Buarque de Holanda escrevia:

Desde já podemos sentir que não existe quase mais nada de agressivo no incipiente mussolinismo [sic] indígena. Na doutrinação dos nossos “integralistas”, com pouca corrupção a mesma que aparece nos manuais italianos, faz falta aquela truculência desabrida e exasperada, quase apocalíptica,

<sup>102</sup> HILTON. *O Brasil e a crise internacional*, p. 34.

<sup>103</sup> \_\_\_\_\_. *O Brasil e a crise internacional*, p. 35.

<sup>104</sup> SALGADO, Plínio. Na declaração de guerra do Brasil às potências do eixo. In: SALGADO. *O integralismo perante a nação*, p. 183.

<sup>105</sup> PAXTON. *A anatomia do fascismo*, p. 91, 102.

<sup>106</sup> SHIRER, William Law. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. 6ª edição, Volume 1, Tradução de Pedro Pomar, Leonidas Gontijo de Carvalho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 220, 221.

<sup>107</sup> RAGO FILHO. *A crítica romântica da miséria brasileira*, p. 254.

<sup>108</sup> \_\_\_\_\_. *A crítica romântica da miséria brasileira*, p. 254, 256.



que tanto colorido emprestou aos seus modelos da Itália e da Alemanha. A energia sobranceira destes transformou-se, aqui, em pobres lamentações de intelectuais neurastênicos.<sup>109</sup>

A breve exposição que fizemos acerca da postura de Gustavo Barroso diante da ascensão do fascismo no mundo endossa de forma exemplar tais observações. A crença que o integralista cearense nutria em uma grande união dos fascistas em prol de uma causa comum contrastava com a agressividade e a arrogância que marcavam os fascismos europeus. Ao escrever “nacionalistas de todos os países, uni-vos!”, Gustavo Barroso exprime toda a “lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade<sup>110</sup>” que caracterizavam o seu “fascismo cordial”, despojado da “truculência desabrida e exasperada” que seus irmãos europeus apresentavam.

Gustavo Barroso acreditou na possibilidade de os nacionalistas do mundo se unirem contra o ardil judaico que buscava destruir as nações. Assim, mais do que um “fascismo cordial”, vemos no discurso do autor um “fascismo ingênuo”, que acreditava na união de movimentos exclusivistas e belicosos. O resultado final dessa “primavera fascista” seria um mundo mais justo e pacífico para todas as nacionalidades e etnias, ao passo que os fascismos europeus advogavam um mundo mais justo e pacífico somente para suas respectivas nações.

Apesar do entusiasmo com os movimentos nacionalistas, o discurso de Barroso é entremeado por interstícios nos quais ele ressalta a superioridade do integralismo diante do nazi-fascismo. Em última instância, portanto, nem mesmo o integralismo escapou por completo ao caráter exclusivista tão comum nos fascismos europeus. Sua proposta de uma “internacional fascista” vinha sempre acompanhada pela ênfase na superioridade da doutrina do sigma e por críticas mais ou menos explícitas a certos aspectos de outros movimentos fascistas – a exemplo do racismo e do paganismo. Ao propor que todos os nacionalistas do mundo se unissem, Barroso paradoxalmente acabou mostrando o quão inviável era esse mesmo projeto e o quão problemática era a ideia de uma “internacional fascista”. O dilema “solidariedade X conflito”, que, como nos mostrou Bertonha, permeava as relações entre movimentos e regimes fascistas de diferentes países, se manifestou de forma exemplar nos escritos de Gustavo Barroso.

<sup>109</sup> HOLANDA. *Raízes do Brasil*, p. 141.

<sup>110</sup> \_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*, p. 106.

Anexo: notas de José Augusto da Rocha Lima no livro *O integralismo e o mundo*<sup>111</sup>

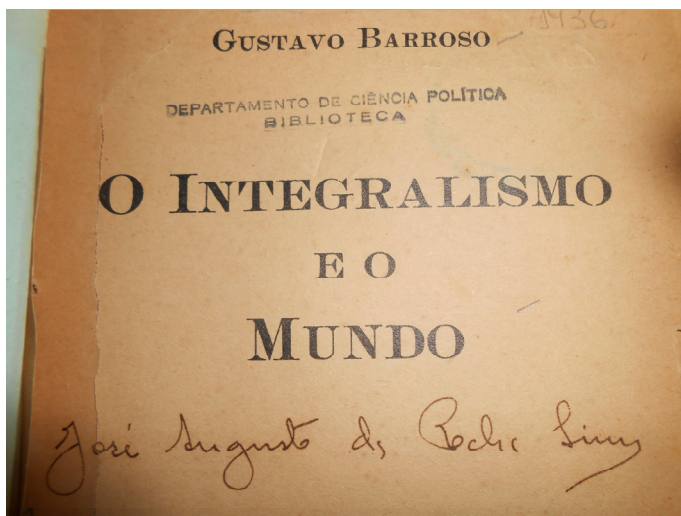


Imagem 1 - [sem legenda]

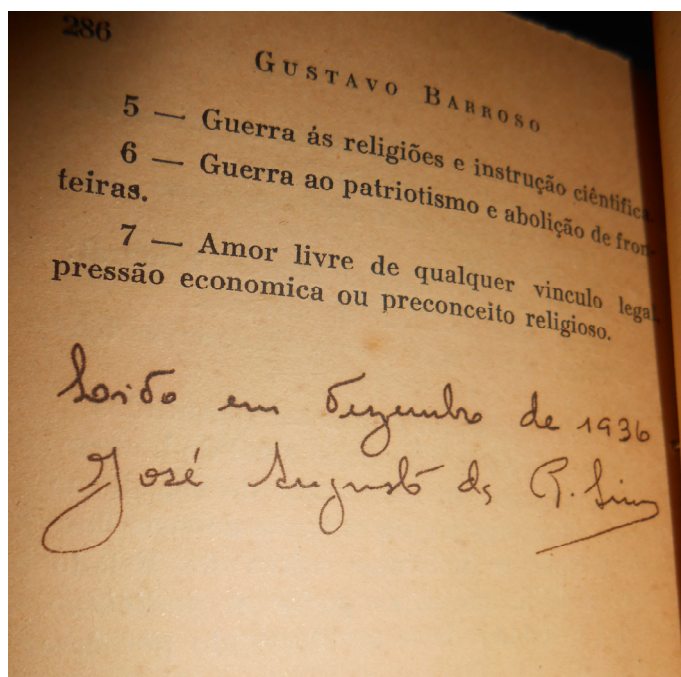


Imagem 2 - "Lido em dezembro de 1936. José Augusto da Rocha Lima".

<sup>111</sup> Fonte: arquivo pessoal.

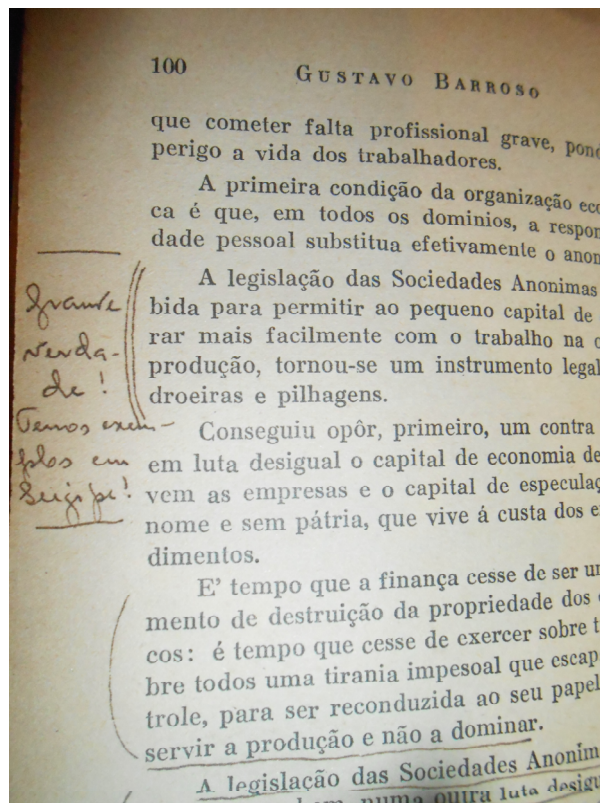


Imagem 3 - “Grande verdade! Temos exemplos em Sergipe”.

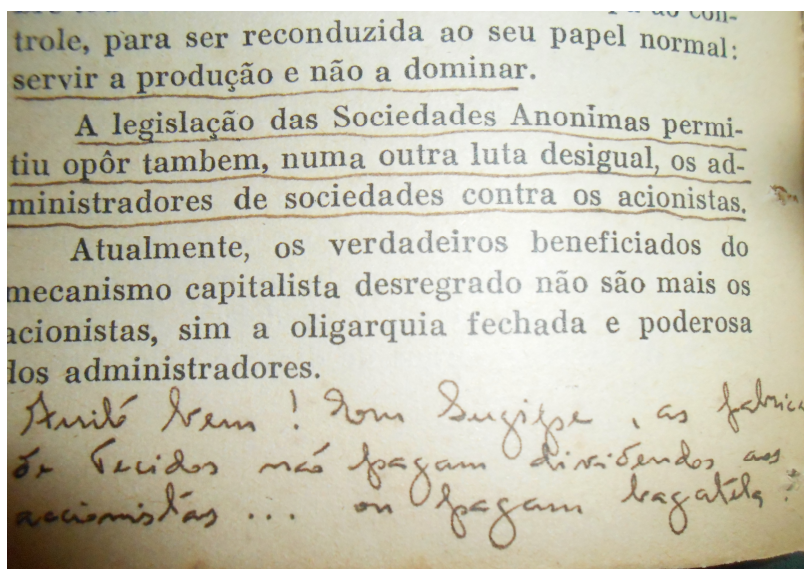


Imagem 4 - “Muito bem! Em Sergipe, as fábricas de tecidos não pagam dividendos aos acionistas... ou pagam bagatela”.

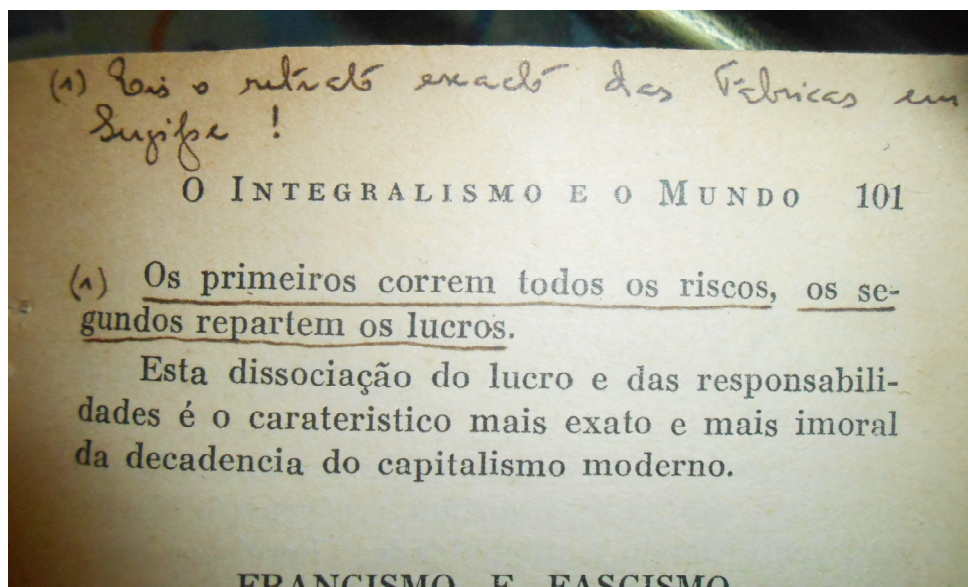


Imagem 5 - “Eis o retrato exato das fábricas em Sergipe!”.

Recebido em: 10/03/2014

Aceito em: 05/08/2014